

A tecnologia é um vírus

Pandemia e cultura digital

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

A tecnologia é um vírus

Pandemia e cultura digital

André Lemos



Editora Sulina

Copyright © André Lemos, 2021

Capa: Humberto Nunes

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

L557t Lemos, André

A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital /
André Lemos. – Porto Alegre: Sulina, 2021.
150 p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-029-4

1. Cultura Digital. 2. Redes Digitais – Pandemia. 3. Pandemia – Tecnologia. 4. Covid-19 – Cultura Digital. 5. Pandemia – Meios de Comunicação. I. Título.

CDU: 316.422

CDD: 302.23

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Abril/2021

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	15
A tecnologia é um vírus	17

Parte 1. Cultura digital

1. Dobras tecnológicas do tempo	25
2. Dados, informação e conhecimento.....	28
3. PDPA – Plataformização, dataficação e performatividade algorítmica.....	32
4. Plataformas digitais.....	36
5. Algoritmos	41
6. Visibilidade e rede social	49
7. Hackers e ataque ao TSE	53
8. Cultura do cancelamento.....	56
9. O dilema das redes	62
10. Materialidade do digital	69
11. Cidade inteligente	73
12. Rede e utopia.....	78

Parte 2. Agenciamento pandêmico

13. A construção do novo coronavírus	83
14. Novo coronavírus e isolamento digital.....	88
15. Educação, tecnologia e pandemia	95

16. Jogos e pandemia	99
17. Assistentes pessoais	102
18. Vigilância guiada por dados, privacidade e Covid-19	105
19. <i>Fake news</i> e Covid-19	114
20. Excesso de lives	118
21. Covid-19, liberdade e cidadão ideal!.....	122
22. A máscara da Covid-19 no Brasil.....	126
23. Solidão, amigos e redes sociais	134
24. “O silêncio”. Pandemia, <i>blackout</i> e <i>lockdown</i>	138
Referências gerais.....	145

Ao Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS),
aos cientistas e profissionais de saúde, na sua
grande maioria funcionários públicos, que,
apesar de tudo, estão lutando para nos salvar
desta terrível pandemia.

Agradecimentos

Agradeço aos pesquisadores do Lab404, laboratório de pesquisa onde estas ideias foram geradas e debatidas. O estímulo e os desafios são constantes e esses são os temperos da vida de pesquisador.

Agradeço à professora Marilei Fiorelli pelas correções e sugestões cuidadosas, bem como às bolsistas Catarina Lopes e Giovanna Marques pelas primeiras revisões. A responsabilidade do texto é totalmente minha.

Agradeço ao meu editor, Luis Gomes, da Editora Sulina, por sempre acreditar nos meus projetos.

Agradeço à competente e incansável Giselle Beiguelman, que muito gentilmente aceitou prefaciá-lo este livro.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de pesquisa que me permite pesquisar, tocar um laboratório com professores, bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos, e apresentar resultados em forma de aulas, conferências, ensaios, artigos e livros.

Agradeço à Universidade Federal da Bahia, à Faculdade de Comunicação e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas por me proporcionarem ambientes ricos e plurais para geração de conhecimento, trocas e processos de aprendizagem.

Agradeço à minha família, Mari, Bernardo e Alice, por me ajudar em todos os momentos.

Prefácio

À guisa de interpolação

Giselle Beiguelman

Se eu dissesse que André Lemos tem lugar cativo em minha estante, estaria mentindo. Mentiria, também, se falasse que está nos meus favoritos do meu *browser*. Tenho o costume de deixar sobre minha mesa de trabalho todos os livros que vou usar à mão e nunca fechar algumas abas do meu navegador às quais sempre recorro. De modo que os “meus Andrés Lemos” nunca ficam na prateleira ou nas minhas pastas. Vira e mexe, consulto um.

Certamente isso não é particular a mim. André é um autor referencial. Não apenas porque suas obras são amplamente citadas, mas porque estão na base e no cume de qualquer pesquisa sobre cultura digital. Na base porque dão fundamentação às reflexões. No cume porque a partir de suas discussões são elaboradas hipóteses sobre as prerrogativas de nossa época.

Acostumado a escrever sobre temáticas que constroem o mundo contemporâneo, a partir da mediação das tecnologias em rede, não poderia furtar-se de analisar os impactos deste estranho momento de isolamento digital pelo qual passamos.

A expressão “isolamento digital”, em detrimento de social, é dele e marcante de seu estilo sagaz. Afinal, o que seria esta nossa “coronavida” senão um processo de imersão cooptada, na qual os que podem ficar em casa foram tragados pela tela conectada?

Mas, como sempre, a análise feita por André Lemos nunca é simplista e, como ele nos mostra, essa mediação pelas redes transborda as fronteiras de quem tem ou não direito à segurança

do home office. Nessa direção, o teletrabalho, impulsionado pela Covid-19, implica três perfis sociais, diz ele:

“1. os que trabalham pelas plataformas como Uber, 99, iFood, Airbnb (motoristas, entregadores, proprietários de imóveis); 2. os que trabalham nas plataformas, ou seja, aqueles que estão empregados nas grandes empresas como Amazon, Facebook, Apple ou outras; e 3. os que oferecem serviços por intermédio das plataformas, profissionais liberais que usam as plataformas para achar clientes e divulgar seu trabalho (Get Ninjas, Instagram, WhatsApp, Facebook, Twitter...). Há ainda os que não dependem das plataformas diretamente, mas as utilizam para manter o trabalho produtivo (profissionais liberais, empresas...). Atualmente é raro encontrar alguma forma de trabalho que não passe pelo uso das plataformas digitais.”

Cruzando referências da cultura pop, como *Blade Runner* e games, ao mais sofisticado arcabouço teórico do nosso agora, como Bruno Latour e Donna Haraway, André Lemos desafia certezas sobre as oposições entre real e virtual, sem perder a âncora das particularidades da pandemia no Brasil, marcada pelo negacionismo presidencial e pela infodemia das *fake news*.

Um dos momentos mais reveladores dessa sua perspectiva, que combina erudição com rigor metodológico e atenção aos movimentos do cotidiano, é sua análise do uso das máscaras, uma verdadeira etnografia da Covid-19.

“Uma contradição interessante é o uso da máscara pelo vice-presidente do país. Ele aparece frequentemente na TV dando depoimentos usando uma máscara para a Covid-19 que estampa o escudo de um time de futebol, não a bandeira do Brasil, ou mesmo das Forças Armadas. E essas não são aparições em momentos privados, mas como vice-presidente do país. Imaginem a premiê alemã Angela Merkel aparecendo no Bundestag com uma máscara do time de futebol do Leipzig, ou Emmanuel Macron, com o boné do Olympique de Marseille na Assembleia Nacional da França!”

Toda a desfaçatez da gestão da pandemia, do patriarcalismo conservador do Brasil de hoje e seu descompromisso com a “res publica” (a coisa pública) está resumida aí. Todo o procedimento de André Lemos também. Pensador do seu tempo, ele não se furta em nenhum momento a sua missão pedagógica. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia, expressa sua didática e atenção ao Comum, por meio da generosidade intelectual apontada para a esfera pública. Daí o livro conter uma série de textos sobre aspectos da vida social na era algorítmica em que estamos, que precedem os capítulos sobre o coronavírus.

Publicados em contextos variados, como sua coluna no rádio, comentários no IGTV e colaborações para outros veículos mais e menos acadêmicos, este conjunto de microensaios ganha outra dinâmica no volume organizado de um livro. Longe de linearizarem a verve do autor, assumem o risco e o desafio de ser contemporâneo, na trilha aberta por Giorgio Agamben: aderindo ao presente ao mesmo tempo que dele tomando distância.

Isso não significa encastelar-se na distopia que nos ronda. Pelo contrário, ensina Agamben: “Isso significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo.”

Interpolemos.

São Paulo, fevereiro-quase-março de 2021

Giselle Beiguelman é artista e professora da Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade de São Paulo (FAUUSP). É autora de *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana* (2020) e *Memória da amnésia: políticas do esquecimento* (2019), entre outros.